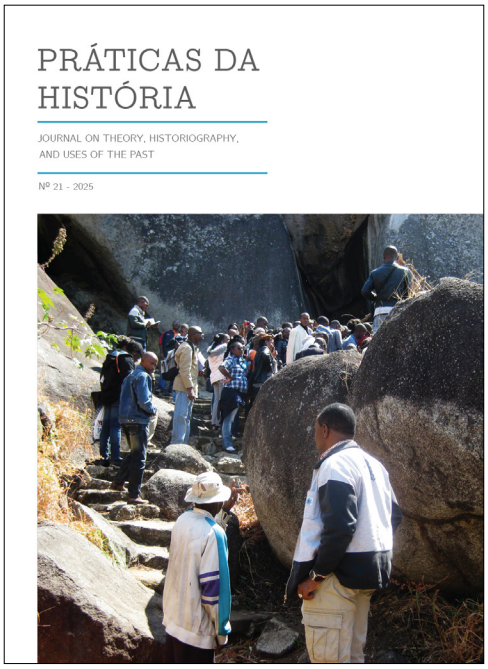


Apresentação. História e ciência arquivística: questões comuns na construção de conhecimento complexo

Maria de Lurdes Rosa

Práticas da História, n.º 21 (2025): 225-233

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Apresentação
História, ciências sociais, ciência arquivística: questões comuns na construção de conhecimento complexo

Maria de Lurdes Rosa*

O arquivo "está na moda" nas Ciências Sociais, e não só naquelas em que mais se esperaria encontrar interesse, como a História, mas antes alcançando um largo espetro de atenção. Tal tem contribuído para a visibilidade de uma instituição até há pouco tempo rodeada de ocultação e/ou de aborrecimento, que começou por ser descoberta, em modo de maravilhamento ou de suspeição, respetivamente, por historiadores à partida menos dispostos a frequentá-la, como os culturais, e antropólogos que esbarravam com essas imensas paredes de informação de controlo, no complemento dos inquéritos mais tradicionais da disciplina aos "controlados".[1] A par e passo, com desenvolvimentos próprios, interessaram-se pelo "arquivo" – e não já apenas, ou cada vez menos, pelos "arquivos" ou mesmo pelos "dados arquivísticos" – os sociólogos, os teóricos da literatura (menos, os filólogos...), os cientistas da comunicação,

* Maria de Lurdes Rosa (mlrosa@fcsh.unl.pt). https://orcid.org/0000-0002-2027-4485. Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa / IN2PAST — Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território, Av. Berna 26 C, 1069-061, Lisboa, Portugal.
Este dossiê foi realizado no âmbito do projeto VINCULUM, que recebeu financiamento do European Research Council (ERC), ao abrigo do programa de investigação e inovação da União Europeia Horizon 2020 (contrato de bolsa n.º 891734). O projeto VINCULUM esteve sedeado no IHC, que é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UID/04209/2025. (DOI: https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) e LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020).

1 Para uma abordagem mais completa e com referências, cfr. Maria de Lurdes Rosa, "História, ciências sociais e humanas, ciência arquivística, ciência da informação. Caminhos para a criação de espaços científicos comuns", *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* Extra 1 (2024): 209-270.

os artistas. Destes olhares das ciências sociais e humanas resultou uma vasta literatura, em crescendo, que, se enriquece o debate de ideias, apresenta também laivos do que se pode chamar de "imaginação do arquivo" (e falo da que se faz não propositadamente).

Em paralelo, mas estranhamente quase sem comunicação com os anteriores, os arquivistas libertaram-se dos limites técnicos e, de forma variável, teceram alianças com disciplinas afins até então também consideradas técnicas, construindo área(s) científica(s) e espaços académicos próprios. O arquivo já não é o mesmo para os cientistas arquivísticos ou para os cientistas da informação.

Assim, se os cientistas sociais e humanos desconstroem o arquivo largamente imaginando-o, também não conhecem aquele que os antigos arquivistas entretanto construíram. E os novos arquivistas, que albergavam ressentimentos em relação à tecnicidade e à subalternização científica a que eram sujeitos, pouco se revêm no arquivo das ciências sociais e humanas que – valha a verdade – chega a não ser reconhecível.

Serão paradoxos inevitáveis do desenvolvimento da ciência em múltiplos polos, em geral estanques apesar de todos os apelos ao trabalho interdisciplinar; serão reflexo, também, da impossibilidade prática de dominar o enorme conjunto de publicações e debates, no mundo do saber globalizado – onde, diga-se a título de exemplo, a produção de saber sobre o tema pelo continente asiático é tão esmagadora na sua quantidade como relevante na sua qualidade e, até há pouco, quase totalmente desconhecida. E é certo que um mesmo objeto pode ser passível de múltiplos olhares, em especial se nos afastarmos de uma perspetiva mais analítica e imanente, na direção da criatividade artística. Mas cabe perguntar se o "difusionismo arquivístico" não estará a prejudicar as construções de ciência, ao impedi-las de perceberem o que é esse objeto "arquivo", na sua génese e nas suas funções originais – por muito que tudo, depois, seja passível de desconstrução e recriação.[2]

2 Jeannette A. Bastian, "Moving the Margins to the Middle: Reconciling 'the Archive' with the Archives", in *Engaging with Records and Archives: Histories and Theories*, ed. Fiorella Foscarini *et al.* (Londres: Facet Publishing, 2016); Michelle Caswell, "'The Archive' Is Not an Archives: On Acknowledging the Intellectual Contributions of Archival Studies", *Reconstruction:*

A partir da absoluta convicção de que é imprescindível saber o que é o arquivo no seu estado essencial, para poder trabalhá-lo a partir de um prisma de questões extra-arquivísticas ou mesmo arquivísticas, o presente dossiê tem como objetivo dar a conhecer, através de textos de arquivistas e cientistas da informação, algumas das mais recentes propostas destes, no âmbito dos temas da construção da informação, documento e arquivo. Interessará em especial (do lado das ciências sociais e humanas) à história, o saber do qual a ciência arquivística/ciência da informação sem dúvida mais lutou para se emancipar. Blouin e Rosenberg, a quem se deve a cunhagem da expressão "archival divide" para nomear o resultado negativo desta luta, tiveram grande perspicácia ao situar a raiz do problema na autoridade disciplinar.[3] Para o historiador, o arquivo era uma "porta para o passado", zona sobre a qual a história tinha autoridade; para o arquivista, era a arquivística que devia ter autoridade sobre o seu material de estudo, pois este não era, afinal, "uma porta para o passado". Encontramos nas palavras do historiador-arquivista-historiador Charles Jeurgens uma feliz expressão da relação a reconstruir:

> Seen from the purely scientific archivistic approach, archives are not historical sources. Archives are just not created with the object of serving historical research as source material. The objective of archival science is therefore not to fathom the historical reality, but to understand archive creation. The historian can of course take advantage of this; even stronger, he must take advantage of this if he wants to give meaning to the content

Studies in Contemporary Culture 16, n.º 1 (2016), https://escholarship.org/uc/item/7bn4v1fk; Eric Ketelaar, "Archival Turns and Returns: Studies of the Archive", in *Research in the Archival Multiverse*, ed. Anne J. Gilliland *et al.* (Clayton, Victoria: Monash University Publishing, 2016); Anne Gilliland e Andrew Flinn, "Community Archives: What Are We Really Talking About?", in *Nexus, Confluence, and Difference: Community Archives Meets Community Informatics: Prato CIRN Conference*, ed. Larry Stillman *et al.* (Melbourne: Centre for Community Networking Research, Centre for Social Informatics, Monash University, 2013).

3 Francis X. Blouin Jr. e William G. Rosenberg, *Processing the Past: Contesting Authorities in History and the Archives* (Oxford: Oxford University Press, 2011); foi decisivo no lançamento do debate o artigo de Terry Cook, "The Archive(s) Is a Foreign Country: Historians, Archivists and the Changing Archival Landscape", *The Canadian Historical Review* 90, n.º 3 (2009): 497-534.

> of the documents. [...]. It is precisely because archives are not created with the object of serving as historical source that it is important to investigate methods to enable the research value of the archive material to be determined.[4]

O paulatino encurtamento desse "fosso" tem-se vindo a verificar, felizmente, de múltiplas formas, embora que tal seja com frequência prejudicado pelas rivalidades académicas.[5] Importa assim, cada vez mais, dar a conhecer os pontos de vista de um lado na casa do outro. A possibilidade de publicar estes textos na revista *Práticas da História* é, como tal, uma relevante oportunidade que, esperemos, poderá dar frutos e repetir-se, de forma a criarmos o "conhecimento complexo"[6] que certamente resultará de um trabalho conjunto entre historiadores, arquivistas, cientistas da informação e outros cientistas sociais, em que todos estejam mais conhecedores dos conceitos, teorias e metodologias específicas de cada área.

Os textos abordam temas de metodologia arquivística que reforçam a investigação histórica e que são indicativos de uma nova arquivística – configurada como ciência social –, bem como de novas pontes com a história e outras ciências sociais e humanas (o projeto de "bridging the divide", de forma a permitir um saber mais complexo). Situando-se

4 Charles Jeurgens, "Historians and Archivists: Two Disciplines Working with the Same Papers", Leiden University, 2005, acedido a 22 de dezembro de 2025, https://www.academia.edu/3201993/Historians_and_Archivists_Two_Disciplines_Working_with_the_Same_Papers.

5 Alex H. Poole, "Archival Divides and Foreign Countries? Historians, Archivists, Information-Seeking, and Technology: Retrospect and Prospect", *The American Archivist* 78, n.º 2 (2015): 375-433, https://doi.org/10.17723/0360-9081.78.2.375; Peter J. Wosh, "Reflections on Public History and Archives Education", *Journal of Archival Organization* 15, n.º 3-4 (2018): 95-99, https://doi.org/10.1080/15332748.2019.1613316; Francis X. Blouin Jr., "Epilogue: A Perspective on the Archival Divide", in *Recovered Voices, Newfound Questions: Family Archives and Historical Research (14th to 19th Centuries)*, ed. Maria de Lurdes Rosa *et al.* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).

6 Os textos são versões originais de comunicações apresentadas à conferência «História e ciência arquivística: questões comuns na construção de conhecimento complexo», realizada em 19-20 de julho de 2024, em Lisboa, num evento colaborativo entre o projeto VINCULUM e a Fundação Fronteira e Alorna (https://www.vinculum.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/2024/07/Programa_Histo%CC%81ria-e-Cie%CC%82ncia-Arquivistica_FINAL.pdf). Podem ainda encontrar-se complemento e alargamento às ideias aqui apresentadas em Maria de Lurdes Rosa, Filipa Lopes e Abel Rodrigues, "Repensar o(s) arquivo(s) / Rethinking the Archive(s)", número especial, *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* 38, n.º 1 (2025).

entre o ensaístico (Sonia Troitiño/Gabrielli Fonseca, Eric Ketelaar) e a análise mais alongada, estes textos focam áreas que, mais do que serem tradicionais da arquivística, pertencem ao próprio coração da disciplina e são, portanto, impossíveis de relegar para fora do debate. Ao mesmo tempo, interrogam-nas na sua genealogia e renovam-nas, refletindo o desenvolvimento do campo científico e, não menos relevante, interrogações interdisciplinares.

Assim, Sónia Troitiño e Gabrielli Fonseca propõem um enriquecimento da informação contextual documental (e, logo, histórica), através dos conceitos e metodologias dos "estudos documentais", abordando, no seu seio, as características e diferenças recíprocas da "tipologia documental" e a "identificação arquivística" – sendo que a primeira um ramo da diplomática estuda o tipo dos registos, entendidos como a configuração que um formulário assume a partir da atividade que gerou o documento; e que a segunda, propriamente arquivística, identifica os elementos que compõem um registo, a partir dos princípios arquivísticos, incluindo várias fases – estudo da proveniência, estudo dos processos; estudo da história institucional e da documentação produzida e, por fim, estudo da tipologia documental. São, no entanto, perfeitamente complementares e o artigo exemplifica a utilidade da aplicação destas metodologias em documentação oitocentista e de inícios do século XX, demonstrando formas de uso de cada uma delas.

A vida dos documentos e dos complexos arquivísticos não se esgota na sua produção e uso, mas inclui também, como processo dinâmico, algo que os historiadores estão pouco habituados a considerar – ao contrário dos responsáveis pela administração das instituições, dos gestores documentais e dos juristas, essa "clientela" primária dos arquivistas: a história custodial. Ou seja, como se processou no tempo o elemento fundamental da legalidade e fiabilidade arquivística que é a custódia (entendida como geradora e como condição de *ius archivi*). É a este tema que o texto de Sandra Patrício se dedica, examinando sucessivamente a história da prática e da sua conceptualização, para depois apresentar a importância do estudo da custódia para essa outra operação central que é a descrição arquivística. A história custodial é,

assim, explicada como um elemento essencial à compreensão da natureza do acervo – que pode recriar a identidade do produtor na diacronia – e à forma como ele é tornado compreensível para os utilizadores.

Podemos dizer que o texto de Édouard Vasseur toca um terreno mais conhecido do historiador, embora na historiografia e arquivística portuguesa seja pouco cultivado. Após um breve historial do desenvolvimento do campo historiográfico-arquivístico que é a História administrativa, o autor aborda, de forma pragmática e recorrendo a exemplos muito úteis pela clareza, a relevância do seu uso. Num primeiro momento, explicando como ela é fundamental para os arquivistas, nas várias vertentes do seu labor: aquisição, classificação e descrição, acesso e comunicação (aos utilizadores). A ênfase na importância da história administrativa para esta última fase é particularmente interessante: por exemplo, os documentos entrados num serviço de arquivo podem vir com frequência de outra instituição que não a produtora, por motivos vários, e a não identificação desta pode levar à invisibilidade daqueles. A segunda parte apresenta as várias maneiras como os arquivistas podem contribuir para a história administrativa. Se mais uma vez se apresenta a sua relevância nas fases do trabalho de aquisição, organização e descrição, a inclusão de um apartado sobre a "investigação" torna clara a importância desta prática para os arquivistas atuais, bem como o possível labor comum com historiadores.

Encerra o dossiê o artigo de síntese de Eric Ketelaar, decano da ciência arquivística e profundo conhecedor/cultor dos contextos históricos da mesma e da produção de arquivos. O texto insere-se na área que ajudou a criar e que tem vindo a incrementar e a comentar criticamente, quanto aos vários autores da mesma – a história social dos arquivos –, de que é exemplo maior *Archiving People. A Social History of Dutch Archives* (2020).[7] Entre vários outros tipos de arquivos que tem estudado, destacam-se os arquivos de família, numa abordagem pioneira que colocou estes sob a égide de um "olhar genealógico". Referimo-nos a

7 Eric Ketelaar, *Archiving People. A Social History of Dutch Archives* (Naarden: Stichting Archiefpublicaties, 2020), https://archivistics.home.blog/wp-content/uploads/2020/01/archiving-people_eric-ketelaar_2020_webversion.pdf.

"The Genealogical Gaze: Family Identities and Family Archives in the Fourteenth to Seventeenth Centuries", publicado em 2009.[8] Este texto foi muito inspirador para o programa de estudo e investigação criado em 2010 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, ARQFAM de seu nome, tendo caucionado de forma superior a deslocação de perspetiva defendida por este coletivo quanto aos arquivos de família – tanto em relação a um escasso uso historiográfico que, se ocorria, consistia sobretudo na extração de "dados fatuais", como em relação à forma anacrónica como eram tratados pelos arquivistas (as mais das vezes negando-lhe até o estatuto de arquivos). O desafio lançado a Ketelaar para a escrita deste texto visava uma apreciação do trabalho feito em vários quadrantes a partir do seu artigo. Resultou em algo maior: a par de uma reflexão sobre o próprio trabalho, Ketelaar desenvolve um conjunto de "topics and methodologies which might enrich our understanding of family archives". Na verdade, quanto a nós, pode enriquecer a compreensão de todos os tipos de arquivos: estruturas de memória, géneros (o arquivo como sistema de géneros), arquivalização (ou arquivagem), ausências, contextos, ética do cuidar. Enfim, uma estimulante leitura, que deve ser feita em modo direto, para boa apreensão de toda a riqueza argumentativa. Com ela deixamos os leitores curiosos deste dossiê e destes temas, ficando também o pedido de reações e de propostas de trabalho interdisciplinar que, esperamos, possam ser auxiliadas pelos artigos aqui reunidos.

8 Eric Ketelaar, "The Genealogical Gaze: Family Identities and Family Archives in the Fourteenth to Seventeenth Centuries", *Libraries & the Cultural Record* 44, n.º 1 (2009): 9-28.

Bibliografia

Bastian, Jeannette A. "Moving the Margins to the Middle: Reconciling 'the Archive' with the Archives". In *Engaging with Records and Archives: Histories and Theories*, editado por Fiorella Foscarini, Heather MacNeil, Mak Bonnie e Oliver Gillian. Londres: Facet Publishing, 2016.

Blouin Jr., Francis X.. "Epilogue: A Perspective on the Archival Divide." In *Recovered Voices, Newfound Questions. Family Archives and Historical Research*, editado por Maria de Lurdes Rosa, Rita Sampaio da Nóvoa, Alice Borges Gago e Maria João Câmara. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

Blouin Jr., Francis X., e William G. Rosenberg. *Processing the Past: Contesting Authorities in History and the Archives*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

Caswell, Michelle. "'The Archive' Is Not an Archives: On Acknowledging the Intellectual Contributions of Archival Studies". *Reconstruction: Studies in Contemporary Culture* 16, n.º 1 (2016). https://escholarship.org/uc/item/7bn4v1fk.

Cook, Terry. "The Archive(s) Is a Foreign Country: Historians, Archivists and the Changing Archival Landscape". *The Canadian Historical Review* 90, n.º 3 (2009): 497-534.

Gilliland, Anne, e Andrew Flinn. "Community Archives: What Are We Really Talking About?". In *Nexus, Confluence, and Difference: Community Archives Meets Community Informatics: Prato CIRN Conference*, editado por Larry Stillman, Amalia Sabiescu e Nemanja Memarovic. Clayton, Victoria: Centre for Community Networking Research, Centre for Social Informatics, Monash University, 2013.

Jeurgens, Charles. "Historians and Archivists: Two Disciplines Working with the Same Papers". Leiden University, 2005. Acedido a 22 de dezembro de 2025. https://www.academia.edu/3201993/Historians_and_Archivists_Two_Disciplines_Working_with_the_Same_Papers.

Ketelaar, Eric. "Archival Turns and Returns: Studies of the Archive". In *Research in the Archival Multiverse*, editado por Anne J. Gilliland, Sue McKemmish e Andrew J. Lau. Clayton, Victoria: Monash University Publishing, 2016.

Ketelaar, Eric. "The Genealogical Gaze: Family Identities and Family Archives in the Fourteenth to Seventeenth Centuries". *Libraries & the Cultural Record* 44, n.º 1 (2009): 9-28.

Ketelaar, Eric. *Archiving People. A Social History of Dutch Archives*. Naarden: Stichting Archiefpublicaties, 2020. https://archivisticshome.files.wordpress.com/2020/01/archiving-people_eric-ketelaar_2020_webversion.pdf.

Poole, Alex H. "Archival Divides and Foreign Countries? Historians, Archivists, Information-Seeking, and Technology: Retrospect and Prospect". *The American Archivist* 78, n.º 2 (2015): 375-433. https://doi.org/10.17723/0360-9081.78.2.375.

Rosa, Maria de Lurdes, Filipa Lopes, e Abel Rodrigues, eds. "Repensar o(s) arquivo(s) / Rethinking the Archive(s)". *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* 38, n.º 1, número especial (2025).

Rosa, Maria de Lurdes. "História, ciências sociais e humanas, ciência arquivística, ciência da informação. Caminhos para a criação de espaços científicos comuns". *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* Extra 1 (2024): 209-273.

Wosh, Peter J. "Reflections on Public History and Archives Education". *Journal of Archival Organization* 15, n.º 3-4 (2018): 95-99. https://doi.org/10.1080/15332748.2019.1613316.

Referência para citação:
Rosa, Maria de Lurdes (2025). "Apresentação - História e ciência arquivística: questões comuns na construção de conhecimento complexo". *Práticas Da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, (21), 225-233. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n21.45610